

4468

MOCAMBOS NA FLORESTA

Gurupi: índios, negros e a cultura sem fronteiras

Em fins de 1919, o engenheiro Henrique Jorge Hurley começaria a preparar-se para uma importante viagem. Mais propriamente numa sexta-feira, em 12 de dezembro, o Diário Oficial do então Estado do Pará dava-lhe autorização para isto. O secretário geral do Estado, em cumprimento aos atos do governo, incumbia ao referido Hurley - enquanto chefe de uma comissão - organizar uma expedição com o objetivo de "pacificar" os grupos indígenas do alto Guamá e alto Gurupi, especialmente os Kaapor, então chamados de Urubus.

Entre as principais tarefas de Hurley e sua comissão constaria ainda o levantamento estatístico da população indígena, visitas às aldeias de São José, São Pedro, Tauary e Jupuúba e o estudo a respeito da língua e costumes destes povos. Era lembrado também, naquele contexto, que não seria a primeira vez que se enviaria uma expedição desta natureza para esta região. Dez anos antes, em 1910, teria sido realizada uma por Paulo Queiroz. Poucos resultados tiveram. Nem mesmo as coordenadas geográficas foram assinaladas. Para desbravar a região contaria Hurley com muito pouco em termos de cartografia. Todo o roteiro desta viagem - com detalhes - apareceria num extenso relatório publicado em 1930.

A expedição partiu do Guamá indo em direção ao Gurupi. Até Viseu a travessia duraria 12 dias. Chegou-se a Ourém. O contingente da expedição cresceu com a incorporação de "trincheiros", caboclos e mateiros. Equipamentos prontos. Seguiu-se viagem. Na manhã do dia 26 de janeiro iniciou-se a subida do Guamá em cascadas. Dois dias depois, a subida do rio Jupuúba. Foi hora de seguir a pé. Paradadas para descanso e pernoite seriam feitas. Ranchos de caçadores e taperas abandonadas utilizados para acolher a comissão. Logo acabariam os mantimentos. Recorreram às caças. A primeira vítima foi uma anta. Avançaram mais florestas. Como companhia, a expedição contaria apenas com a chuva impertinente e copiosa e o "miar repetido das onças", além de cotias, antas e filhotes de veado. De índios, por enquanto, só alguns Tembés, que serviam de guias e mateiros. Nada dos supostos "sanguinolentos" índios Urubus. Outros companheiros de viagem, porém, logo apareceriam fazendo vítimas e trazendo febres: foram as mutucas, os tracuás e os carrapatos com suas ferroadas. Como efeito compensatório tinham as paisagens da bela natureza.

Os dias chegam e vão embora. Muita caminhada a pé. Na mata fechada, "picadas" tiveram que ser abertas. Perdeu-se a conta dos igarapés atravessados. Foram muitos, formosos e iguais. Mudavam apenas os nomes. A monotonia algumas vezes misturava-se com a aventura. Dia após dia, a fadiga se apresentava cada vez mais cedo.

Os símbolos da civilização - principal objetivo da expedição - não foram esquecidos. Alguns índios recebem presentes, bandeiras nacional e a do Pará hasteadas e os marcos dos quilômetros avançados foram fixados. A floresta era grande demais. Por alguns momentos a expedição ficaria perdida. Mateiros e guias índios titubearam. O rumo foi novamente encontrado. Foi-se em frente. Já era 12 de fevereiro. A expedição chega à aldeia Uruaim. Só do alto do rio Jupuúba até ali foram andando



▲ ENTRE OS TEMBÉS - O curandeiro negro Chico Ourives

cerca de 93 kms. Não pensem que foi pouco para tantos dias. Matas muito fechadas e chuvas torrenciais dificultavam os caminhos. A transposição de inúmeros igarapés e também de cachoeiras travava a marcha.

Na aldeia Uruaim foram encontrados, além de índios Tembés, pretos maranhenses e colonos cearenses. Já ali noticiavam vários ataques dos índios Urubus. Devido a isso, sequer havia farinha para abastecer a expedição. Começavam a ser destacados os pontos que deviam receber fortificações e patrulhamento. Mais dois dias e meio de viagem, subindo o rio Gurupi, chegou-se a Itamaoari, um povoado negro formado a partir de um mocambo. Assim Hurley descreveria Itamaoari - que chamou de "risonho povoado" - localizado na margem paraense do Gurupi: "Tem esse povoado cerca de 80 casas e uma capela em honra a S. Benedicto: possui mais de trezentos moradores, na maioria pretos que emigraram do Maranhão a se empregarem na agricultura e na extração de ouro."

A história de ocupação desta região - principalmente as matas do Gurupi e Turiaçu - era muito mais antiga. Foi ela produzida em torno das experiências seculares de grupos indígenas, de escravos fugidos e depois por libertos e colonos migrantes. Nesta vasta região de florestas, rios e igarapés, quilombolas - com o auxílio de grupos indígenas, libertos, regatões, camponeses, etc. - transformaram seus mocambos e as experiências históricas em torno deles numa verdadeira hidra. Esta metáfora não precisa ser deslocada. Num despacho do Ministério da Justiça para a Presidência de Província do Maranhão, em 1867, se anotaria a necessidade urgente e definitiva de "por meio de ferro e fogo" destruir os quilombos do Turiaçu-Gurupi, pois "dispersos representam a hydra de Lerna". Assim clamava: "Removam as cabeças". Tratava-se nas suas palavras: "um asilo de liberdade".

Nestas paragens, entre o Pará e o Maranhão, os quilombos gestaram mais do que uma liberdade sob asilo. Também como hidras, alimentaram-se e redefiniram os contornos e profundidades dos pântanos em sua volta. O que Hurley começava a ver ali era apenas pedaços de uma história de grandes, densos e emaranhados enredos de luta e resistência.

Quando Hurley visitou vários povoados de camponeses negros na região do Gurupi, do lado do Pará, as histórias da luta negra ali já eram bem antigas. E estavam longe de acabar. Como as próprias tradições de lutas dos quilombolas desde o século XVII, começavam sempre. Vários povoados negros com a mesma memória comunitária de lutas se formaram. Aquela região de Turiaçu-Gurupi continuaria pertencendo aos grupos indígenas - cada vez mais dizimados -, camponeses negros remanescentes dos qui-

lombolas e outros novos personagens como grileiros e posseiros. Autoridades dos governos estaduais do Pará e do Maranhão, assim como fazendeiros truculentos continuariam firmes perseguindo e reprimindo tais populações.

Outros personagens entrariam em ação, procurando índios e, sem querer, encontrando negros remanescentes de quilombos: os antropólogos. Nos anos de 1949, 1950 e 1951, Darci Ribeiro e uma equipe de antropólogos, linguistas e até cineastas invadiram os sertões do Gurupi, pelo estado do Pará. Passariam por Vizeu e Carutapera - trajeto das seculares expedições anti-mocambos e alcançaram, como Hurley, em 1919, os povoados negros de Caamiranga e Itamaoari. Também como Hurley estavam atrás dos índios. Não dos "sanguinolentos e selvagens" Urubus, mas sim dos Urubus-Kaapor. A mesma coisa com a classificação da ciência. Eram antropólogos e suas armas eram outras. Encontraram várias aldeias. Também como Hurley encontraram - talvez com mais espanto e surpresa - povoados negros remanescentes de quilombos. Darci Ribeiro ficaria surpreso. E não faltou nas suas descrições geográficas preconceitos para falar do que viu. Inclusive uma "velha decrépita" que era feitiçeira negra. Viu também um negro curandeiro, vivendo entre os índios Kaapor. Visitou aldeias dos Urubus-pretos, grupo indígena miscigenado com os pretos. E encontrou muitos cachorros nas aldeias.

E o que estes viajantes - Hurley e Darci ribeiro - não viram? Não sabemos. Certamente foi muita coisa, afinal suas preocupações eram tão somente os índios. Mas diria que deixou de ver - no sentido figurado - a longa história de luta e resistência destes povos negros e indígenas. Continuariam ali resistindo em comunidades camponesas, garimpendo e, agora, enfrentando pistoleiros de latifundiários, grileiros, posseiros, garimpeiros-ladrões. Das autoridades sofreram outro tipo de perseguição. Não foi aquela de forças militares preparadas ao longo dos séculos XVIII e XIX. Foram as armas do descaso, incompetência e desmandos das autoridades públicas no que diz respeito à educação, saúde e questões agrárias. Enquanto isso, seguem lutando. Certamente não esqueceram - e nunca esquecerão - suas tradições de luta pela terra e autonomia naquelas florestas. Índios, sem terras, quilombolas remanescentes continuam lutando pela terra e tentando encontrar um novo "asilo de liberdade".

■ FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

Professor do Departamento de História da UFPA. Organizador, com João José Reis, da coletânea de artigos a respeito de vários mocambos no Brasil, intitulada "Liberdade por um Fio: História dos Quilombos no Brasil" (São Paulo, Cia. Das Letras, 1996).